

# personagem

A ROTINA DE UMA JORNALISTA QUE ABORDA  
NA MÍDIA A QUESTÃO DA SAÚDE

## Profissão desafio



Ética, competência e seriedade são facilmente associadas à jornalista Cristiane Segatto. Ela conquistou respeito e credibilidade por suas reportagens com foco na saúde da população. Já recebeu mais de dez prêmios. Foi duas vezes vencedora do Prêmio Ary Frauzino de Jornalismo, oferecido pelo INCA, em 2008 e 2009, respectivamente, na categoria Revista, pela *Época*. Ano passado, conquistou o Prêmio Interamericano de Jornalismo sobre o Tabaco, na categoria Internet, concedido pela Organização Pan-americana de Saúde e pela InterAmerican Heart.

O reconhecimento é merecido. Segatto escreve sobre temas difíceis da área da saúde, entre os quais o câncer. A jornalista procura oferecer uma abordagem profunda e, ao mesmo tempo, didática nas reportagens sobre a doença. Para ela, é preciso usar o senso crítico ao analisar o papel dos novos tratamentos e ter cuidado para não se transformar num propagandista da indústria farmacêutica. Em jornalismo, diz Segatto, não basta prestar um bom serviço sobre determinada doença. É preciso valorizar a relevância do assunto, pesquisar e investigar a complexidade do tema. “Não gosto de matérias fáceis. Gosto mesmo é de fazer trabalhos complicados. Pesquiso muito sobre determinado tema e parto, então, em busca de histórias humanas que me ajudem a dar vida à discussão”, comenta a jornalista.

Foi em busca de uma história humana que Segatto conseguiu, em 2008, uma entrevista exclusiva com o vice-presidente da República, José Alencar. Na época, ele enfrentava mais um *round* em sua luta incansável contra o câncer. Segatto mostrou ao público algo além da autoridade. O resultado foi uma das entrevistas mais marcantes de sua carreira. “Fui a primeira jornalista a entrar no quarto dele no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Minha principal preocupação era chegar ao ‘homem’ para revelar o que ele realmente estava enfrentando naquele momento. Acho que consegui”, diz, com modéstia.

Tamanha sensibilidade não é novidade para o público, acostumado com a percepção da jornalista experiente, de 40 anos de idade. Segatto cultiva um profundo respeito pelos pacientes em cuidados paliativos, sem possibilidades terapêuticas de cura de alguma doença, especialmente de câncer. O que mais comove a jornalista é testemunhar o comportamento dos doentes que sabem que viverão pouco. “Eles lutam para ganhar tempo, mas não para fazer coisas grandiosas. Querem aproveitar os pequenos prazeres: ver um neto crescer um pouco mais, ir à praia, re-

“O meu trabalho cumpre uma função social e isso me estimula a seguir em frente nos momentos mais duros”

ver uma pessoa querida. Aprendi que uma vida bem vivida é a soma desses pequenos prazeres”, afirma.

Nascida em 21 de abril de 1970, em São Paulo, Segatto sempre morou na capital paulista. Há dez anos, está casada com o também jornalista Dante Grecco e é mãe de Beatriz, com nove anos. A família tem um papel fundamental na sua vida. “Somos um trio harmônico. Eu e o Dante nos revezamos quando a Bia precisa de alguma ajuda na lição de casa, por exemplo. Nos fins de semana, fazemos coisas simples e deliciosas, como andar de bicicleta ou ir ao cinema”, conta ela, orgulhosa.

A felicidade em família tem correspondência na vida profissional. No trabalho, sente-se realizada. “Poder contribuir de alguma forma para que todos cuidem bem da saúde é muito gratificante. E também colaborar para que o Brasil reconheça e encare seus desafios na área da saúde é igualmente importante”, declara. Para a jornalista, o tema das reportagens é muito relevante. “A saúde é o bem mais precioso que uma pessoa pode ter na vida. O meu trabalho cumpre uma função social e isso me estimula a seguir em frente nos momentos mais duros”, considera.

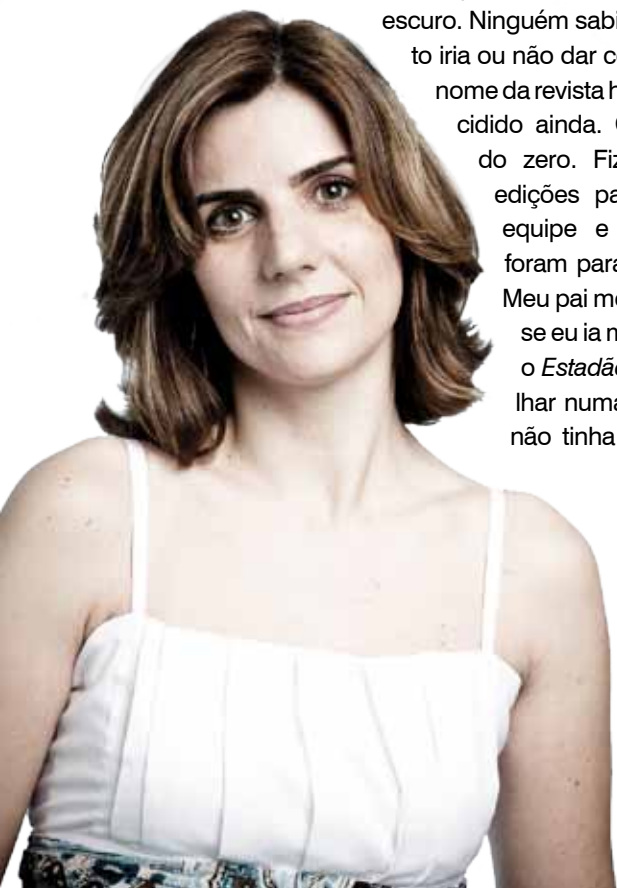
A rotina de Segatto é intensa. Atualmente é repórter especial da revista *Época* - apura, escreve e edita suas matérias. Às sextas-feiras, publica a coluna Nossa Saúde na versão *on-line* da revista. A carga horária pode superar nove horas por dia. Boa parte do tempo é usada para responder às mais diversas demandas do público. Os pedidos variam de convites para palestras e entrevistas até pessoas que ligam solicitando a indicação de médicos, ou que, simplesmente, desejam contar os dramas de saúde de familiares queridos. Segatto conta que responde a todos. “Procuro atender todas as solicitações com carinho, mas às vezes acaba ficando sobrecarregada”, admite.

## DEDICAÇÃO E CORAGEM

O interesse pelo jornalismo vem desde a infância. Aos 12 anos, foi incentivada à leitura de jornais por seu professor de Língua Portuguesa e Literatura, Fernando Freire. “O enorme entusiasmo dele pela literatura, pelo cinema e pelo conhecimento me contagiou. Ele costumava exigir que acompanhássemos os mais relevantes temas da imprensa”, lembra. “Volta e meia, eu ia fazer pesquisas no jornal *O Estado de S. Paulo* e me impressionava com aquele ambiente aristocrático. Já sonhava em ser jornalista e um dia ir trabalhar ali”, confessa. Dez anos depois, Segatto foi contratada como repórter do *Estadão*.

“No último ano da faculdade, passei em duas importantes seleções: o Curso de Jornalismo Aplicado do Grupo Estado e o Curso Abril de Jornalismo em Revistas. Fiz os dois”, conta. No fim do curso, optou pela Editora Abril e trabalhou três anos na revista *Quatro Rodas*, que deixou para trabalhar na editoria geral do *Estadão*. Já naquela época, sentiu-se atraída pelo tema da saúde. “Adorava escrever para a página de Ciência, publicada aos sábados”, revela. Em 1988, ocorreu uma mudança radical que a fez ingressar definitivamente no mundo da saúde. A sua então editora no *Estadão*, Martha San Juan França, foi convidada a montar a equipe de Ciência e Saúde para a revista *Época* e levou Segatto como editora assistente.

A ida para a revista foi um tiro no escuro. Ninguém sabia se o projeto iria ou não dar certo. “Nem o nome da revista havia sido decidido ainda. Começamos do zero. Fizemos nove edições para treinar a equipe e que nunca foram para as bancas. Meu pai me questionou se eu ia mesmo largar o *Estadão* para trabalhar numa revista que não tinha nem nome.



“O enorme entusiasmo do meu professor de Português pela literatura, pelo cinema e pelo conhecimento me contagiou”

E eu respondi: vou”, conta. A aposta deu certo. O projeto editorial não só foi bem aceito pelo público, como também Segatto ganhou reconhecimento e credibilidade. “A saúde é um eixo muito importante numa revista semanal e eles precisavam de alguém que cuidasse dessa área com carinho. Acabei sendo editora assistente, subeditora e depois editora”, lembra.

A profissão já expôs Segatto a situações de perigo. Durante uma reportagem de turismo para a revista *Quatro Rodas*, em 1994, a jornalista foi atingida de leve por um raio no Parque Nacional de Ibitipoca, em Minas Gerais. “Fiquei sem sensação no lado direito do corpo por alguns minutos e com trauma de eletricidade durante meses”, diz. Outro episódio marcante ocorreu no ano 2000. Grávida de sete meses, Segatto foi atacada por traficantes enquanto fazia uma reportagem sobre autismo na Favela de Heliópolis, em São Paulo. A confusão ocorreu porque os bandidos acharam que a equipe estava no local para denunciá-los. O episódio foi traumático. “Levei coronhadas na cabeça e chutes. O motorista apanhou muito. Os traficantes quebraram todos os vidros do carro e deram tiros para o alto”, relembra.

Segatto acredita que tem a melhor profissão do mundo. “Não me imagino fazendo outra coisa. Sou paga para saciar minha curiosidade e para encontrar os entrevistados que me ensinam sobre a vida”, descreve. “É gente que abre a casa, a intimidade e o coração para mim. Gostam de perceber que eu tenho interesse genuíno pelo que eles têm a contar”, observa. Nessa busca incessante por histórias de vida, ela se depara com os sentimentos mais simples das pessoas que entrevista. “Às vezes, tudo o que o doente quer é atenção”, finaliza. I